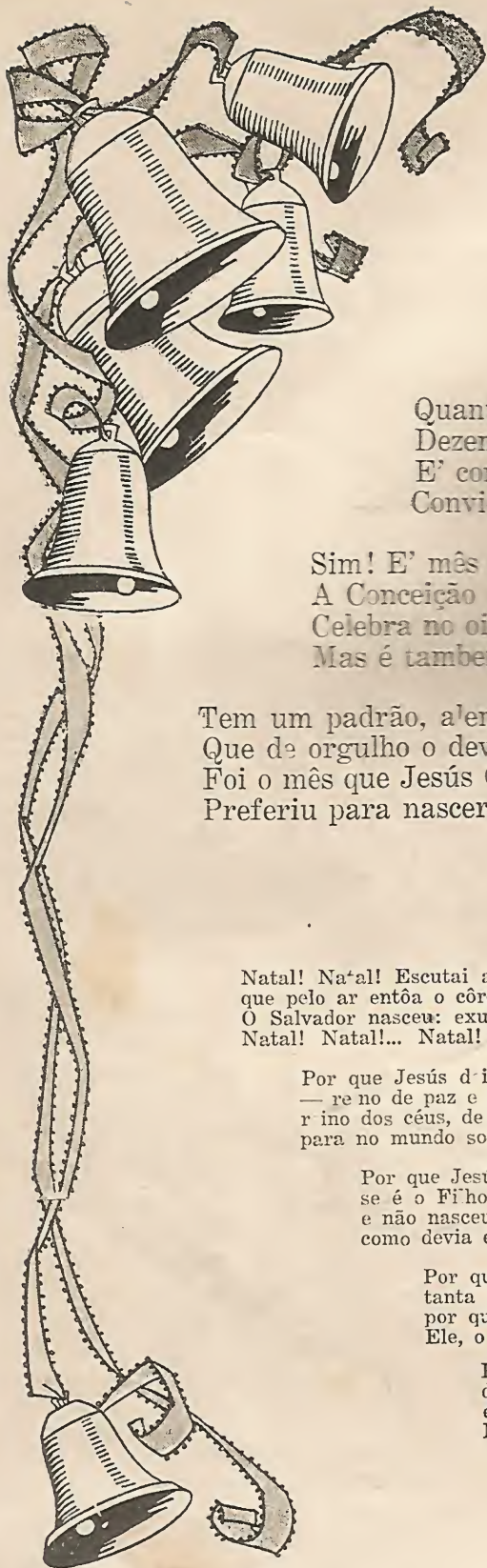
Bem-Te-Vi

ANO XIX NUM. 12

Dezembro de 1941

DEZEMBRO

Dezembro! Mês derradeiro!
A gente em todo este mês
Dá balanço ao ano inteiro,
Lembra o que fez e não fez.

E diz: Meu Deus, mais um ano
Breve estará terminado,
Largo pedaço amputado
Do curto existir humano!

Quanta saudade apagada
Dezembro avivar-se faz!
E' como a volta da estrada:
Convida a olhar para trás!

Sim! E' mês de cousas sérias!
A Conceição de Maria
Celebra no oitavo dia
Mas é tambem mês de férias.

Tem um padrão, alem disto,
Que de orgulho o deve encher:
Foi o mês que Jesús Cristo
Preferiu para nascer!

Afonso Celso.

N A T A L

Natal! Natal! Escutai a harmonia
que pelo ar entôa o côro angelical:
O Salvador nasceu: exultai de alegria!
Natal! Natal!... Natal! Natal!

Por que Jesús deixa um reino glorioso
— reino de paz e de amor e poder,
reino dos céus, de ventura e de gôzo
para no mundo sofrer e morrer?

Por que Jesús foi nascer na indigência
se é o Filho amado do Pai celestial
e não nasceu, nem viveu na opulência
como devia em palácio real?!

Por que Jesús, o Cristo imaculado,
tanta injustiça no mundo sofreu;
por que na cruz pelos cravos vasado,
Ele, o inocente, seu sangue verteu?

Por nós, meninos, deixou Cristo a glória,
deixou por nós o céu todo esplendor,
e veio ser vítima expiatória
Nosso glorioso eternal Salvador...

Jesús nasceu humilde e pequenino,
e em humildade no mundo viveu,
Rei celestial, Mensageiro divino,
desde o seu berço a pobreza escolheu.

Foi sua vida de dor e agonia!
Por nosso bem foi cravado na cruz,
e fez surgir nesta vida a alegria
dando a esperança da glória e da luz!...

H. Giroud

ANO XIX ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 12

Gerente responsavel: — Fernando Buonaduce | Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155 Oficinas: Rua da Liberdade, 659 | Assinatura anual 10$000 Número avulso . 1$000

Toda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor: Afonso Romano Filho ● São Paulo, Dezembro de 1941 ● Redatora: Antonieta Gonçalves Gilioli

O Segredo do Natal

Véspera de Natal. Tudo inspira alegria. O céu sorrí, os animais sorriem, as plantas sorriem e sorriem os homens porque em seus corações se aviva o sentimento de amor.

E' o Natal, é Jesús que com seu amor os inspira a amar tambem.

Assobiando satisfeito, caminhava Glauco com a pesada cesta nos braços. Ia à casa do snr. Barbosa levar as compras feitas na venda.

"Como pode esse ricaço do snr. Barbosa ser tão miseravel! Não gasta dinheiro nem ao menos para mandar limpar e arrumar o jardim. Arre! Não é à-toa que dizem que ele é avarento e nervoso."

Bateu à porta da casa, pensando:

"Inda se ele me desse alguma gorgeta, por ser véspera de Natal, eu poderia arranjar um presente para os maninhos. E é pena que esta é a última entrega que tenho por hoje. Quer dizer, pois, que não há mais esperança."

Glauco saudou-o com um sorriso amigo.

— Feliz Natal, snr. Barbosa! exclamou ele, pondo a cesta sobre a mesa da cozinha: Parece que vamos ter um lindo dia amanhã, não acha o senhor?

— Feliz Natal, ora, ora! replicou o snr. Barbosa, conferindo a mercadoria com o pedido feito. Feliz Natal, ora, ora! Que vem a ser Natal, meu menino, senão um corre-corre de gente p'ra lá, p'ra cá, comprando presentes como que por obrigação. Natal! Não fale em Natal comigo.

Glauco ficou perplexo.

— Oh, snr. Barbosa! exclamou o menino, esquecendo-se, em seu espanto, da fama ruim que tinha o snr. Barbosa. O Natal é esplêndido! Não é o que o senhor pensa, pois o Natal é o aniversário de Jesús e acho que

é a época mais linda do ano. E' verdade que em casa temos muito pouca coisa, menos ainda pelo Natal, mas o que não falta em casa é o amor e a alegria do Natal. Acho até que é mau sistema não irradiar alegria e amor. Dizer que o Natal não significa nada é desconhecer Jesús e ignorar seu aniversário.

— Natal? Ora, ora, repetiu o snr. Barbosa, observando-o de olhar carregado. Natal — bem, tome lá esta gorgeta de 5$.

Glauco arregalou os olhos, incrédulo, mas depois estampou um sorriso largo.

— Muitíssimo obrigado, snr. Barbosa. Esta gorgeta representa a boneca de Maria Olga.

Já ia a sair, mas o snr. Barbosa o deteve antes de chegar à porta.

— Boneca de Maria Olga! repetiu o homem, assombrado. Venha cá, meu garoto; que tem uma gorgeta a ver com boneca, e quem é essa Maria Olga?

— E' minha irmãzinha, disse Glauco com orgulho. Ah, snr. Barbosa, queria que o senhor a visse na manhã de Natal! E' uma gracinha, pequetita, de olhos grandes e pretos e cabelinho todo cacheado. Ela quer tanto uma boneca este ano e eu temia não poder satisfazer-lhe a vontade. O senhor vê, somos muitos em casa e é dificil guardar o suficiente para comprar um presentinho a cada um. Joãozinho quer um trem e vou comprar-lhe um de 1$500. Como ele vai gostar! Ajuntei minhas gorgetas e vou levar uma coisinha para todos. Sabe o que mais, snr. Barbosa? Meu patrão, o senhor Donaldo, disse-me que se às 10 ½ da noite, hoje, ainda ele tiver alguma árvore de Natal por vender, iria dá-la p'ra mim. Não acha que estou de sorte? Joaninha e Maria Olga vão ficar encantadas! Oh! O Natal é esplêndido, é maravilhoso!

Parou e olhou para o homem que de pé à sua frente ouvia aquelas palavras tão sinceras. Depois de um embaraçoso silêncio, Glauco sorriu acanhadamente e disse:

— Ora, desculpe-me, snr. Barbosa. Esqueci-me de que o senhor falou não gostar do Natal. Acho que não devia ter falado tão animadamente como o fiz.

O semblante pesado do snr. Barbosa abrandou-se em quasi um sorriso. Dirigiu-se a uma cadeira e, sentando-se, chamou, sem aspereza nem exaltação:

— Meu filho, conversemos. Conte-me tudo. Quantos são em casa? Que planos tem para o Natal? Que você faz?

Glauco sentou-se, esforçando-se por esconder o seu espanto.

— A mamãe costura e ganha o suficiente para a comida; eu trabalho para o snr. Donaldo, fazendo entregas; Laurentino vende jornais e ganha um pouco. Mas ainda há a Joaninha, a Maria Olga, o Joãozinho e a Helena. Helena cuida dos três menores enquanto trabalhamos. E como o ganho quasi não dá, conto com as gorgetas de fim de ano para dar em casa alguma aparência de Natal. Eu sou o único que ganho gorgetas. Assim mesmo este ano as coisas estão mais dificeis. Maria Olga nunca teve boneca e ela quer tanto uma que eu resolvi dar um jeito. Joaninha quer um livro e Joãozinho uma caixa de lapis de cor. Helena queria um vestido novo; mamãe precisa de um cesto de costura e hei-de prover-lhe. E, se eu ganhar a árvore do snr. Donaldo, oh! havemos de arrebentar pipoca para enfeitá-la. Será uma beleza!

"Presentes para toda a família", ponderou o snr. Barbosa. Depois, instintivamente, perguntou-lhe:

— E você, que espera pelo Natal?

— Eu? Ora, ora, eu não ganho presentes! Eu não preciso de presentes, snr. Barbosa. Eu me contento em observar os outros, e se o senhor pudesse ver a cara deles! Lembro-me perfeitamente de um Natal em que não tivemos nada. Foi há dois anos e nunca me hei-de esquecer dele. Desde então deliberei guardar as gorgetas para esse fim. E nessa ocasião mamãe lê as histórias de Natal; fala-nos sobre os Homens Sábios do oriente, conta história da Estrela e de Jesús na mangedoura, o senhor sabe, e cantamos nossos hinos favoritos. Depois as crianças vão deitar-se e mamãe e Helena me ajudam a pôr os presentes na árvore. Na manhã seguinte, que é o Natal, vamos à igreja e de novo cantamos hinos. O Natal é lindo, snr. Barbosa! Para completar falta só a árvore. Quem sabe ainda a teremos.

"Sim, sim, ruminava o snr. Barbosa. Pensa em todos e esquece-se de si!"

— Venha comigo, meu homenzinho. Você não precisa esperar pelo snr. Donaldo.

O snr. Barbosa pegou o chapéu, passou o braço pelo ombro do menino e saiu com ele. O céu estava estrelado. Glauco nem podia compreender aquilo; estava por demais admirado. Quís falar; não pôde. Olhava ora para o céu, ora para o rosto pensativo do snr. Barbosa.

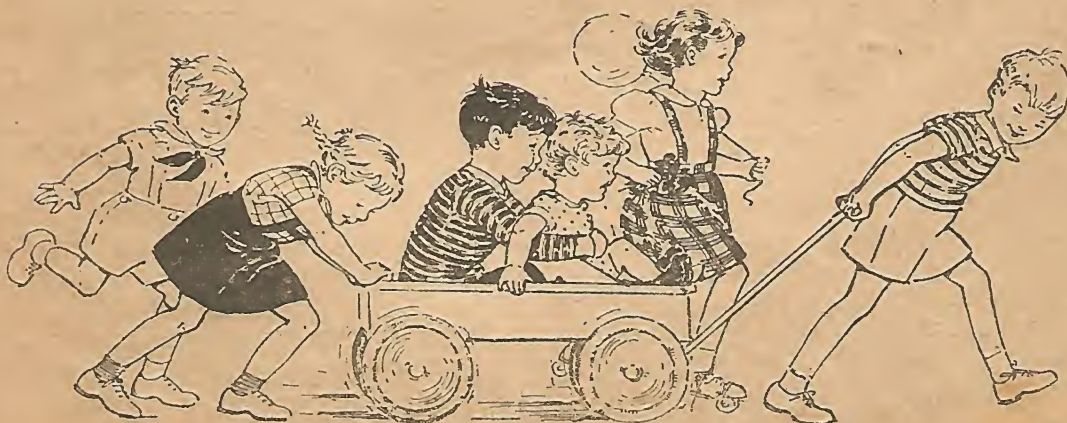
Chegando a uma grande loja, profusamente iluminada, o homem volveu bondosamente o olhar ao rapazinho.

— Agora, meu garoto, vamos primeiramente à secção de brinquedos, escolher uma boneca para Maria Olga. Escolheremos depois 10 livros para Joaninha. E o vestido para Helena e tambem para a mamãe. Ao Joãozinho compraremos um trenzinho meio de verdade e Laurentino receberá os lapis de cor. Providenciaremos um lindo pinheiro com enfeites. Compraremos um perú do snr. Donaldo e tudo o que se costuma comprar para o Natal. Mas antes disso veremos o que *você* deseja. Deve haver alguma coisa nesse trabalho de Natal para que um menino como você lute tanto afim de proporcionar alegria aos seus. Deve haver nisso algum prazer e estou decidido a desvendar o mistério.

Glauco quís falar, gaguejou, enguliu cuspe e por fim, disse:

— Snr. Barbosa, é muita a bondade sua; não se incomode assim conosco; o senhor ainda não nos conhece e nunca lhe poderemos retribuir.

— Mas já conheço você, tornou ele. Já sei que você é trabalhador, que você é meu vizinho, que você é um menino que vale a pena ser mais conhecido. E quanto a pagamento, quem foi que ainda há pouco me disse que a alegria de ter contribuido para a felicidade dos outros era gran-

de pagamento? Vamos, meu filho, ajude-me a escolher os brinquedos. Temos ainda muito que fazer antes de meia noite.

Pouco depois caminhavam os dois sobrecarregados de embrulhos.

— Acho melhor levarmos já isto para casa e depois voltaremos buscar a árvore e demais coisas.

— As crianças já devem estar na cama, aposto, disse Glauco, entusiasmando-se cada vez mais à medida que aproximavam de sua casa. Eles vão pensar que precisei trabalhar até mais tarde, mas mamãe deve estar à minha espera. Oh! Como vão ficar surpreendidos!

Efetivamente, a mãe e Helena ainda estavam acordadas, esperando por Glauco. E como se espantaram! Pudera! Ele explicou-lhes em ligeiras palavras tudo quanto se passara e dalí a pouco os quatro, em cochichos para não despertar as crianças, planejaram uma alegre comemoração de Natal.

— Enquanto a senhora distribue os presentes, disse o snr. Barbosa à mãe, eu e o menino vamos buscar o pinheirinho e em pouco estaremos de volta para juntos enfeitarmos a árvore.

— Snr. Barbosa, disse-lhe Glauco, na rua, naquela noite memoravel: Snr. Barbosa, eu nunca serei capaz de lhe agradecer por toda a felicidade que o senhor nos está proporcionando. Eu sempre pensei que dava alegria aos de casa, mas agora à noite, vendo o semblante de mamãe e de Helena, pude notar que nunca ficaram assim tão contentes.

— Eu é que lhe sou grato, Glauco. Até esta noite eu nunca soube o que era Natal. Desconhecia o que significava felicidade e nunca havia experimentado a maior das alegrias — tornar felizes aos outros. Agora o Natal para mim já significa alguma coisa. Natal é apenas amor. Repartir com todos esse amor, seja qual for o modo pelo qual se expressa, quer em presentes ou em amizade. Quando se consegue esquecer a si mesmo e pensar em contribuir para a felicidade dos outros, tem-se então adquirido o verdadeiro espírito do Natal. E eu estava em caminho errado, justamente oposto, pois, esquecendo-me de todos, só pensava em mim; por isso é que o Natal não tinha, a meu ver, significação alguma.

— Sabe, snr. Barbosa, disse Glauco delicadamente; o senhor tem uma grande alma.

— Ninguem nunca me julgou assim, tornou o homem idoso. E' o maior presente que você me podia ter dado, meu filho. Resta-me ainda a felicidade de contemplar aqueles rostos ao darem com a árvore carregadinha de presentes. E' verdade que ainda não fui convidado, mas espero ser e conto passar o dia em sua casa. Quero tomar parte nos cânticos e ouvir a história do Natal com amor e agradecimento no coração. Será sem dúvida, para mim, um "Feliz Natal".

— Será um "Feliz Natal" para nós todos, graças ao senhor, assegurou-lhe o menino.

— Graças ao Espírito do Natal, emendou o snr. Barbosa.

Voltavam ambos para casa quando os sinos começaram a repicar, à meia noite.

Os dois pararam reverentes.

— Feliz Natal, Glauco, disse-lhe sorridente o *novo* snr. Barbosa.

— Feliz Natal, retribuiu-lhe o menino, verdadeiramente feliz.

E acrescentou:

— Feliz Natal ao mundo todo, e paz na terra e boa-vontade para com os homens.

A Boneca Ameríndia

Capítulo I

À janela estava Elisa, aspirando a suave fragrância dos eucaliptos. Ao seu lado, a mãe, numa cadeira de balanço, vinda de Portugal. Elisa achava linda a sua mãezinha, de cabelos repartidos ao meio, faces rosadas e sempre alegre. D. Isaura, naquele momento, trançava tiras de meia velha com que faria um tapetezinho para o quarto da filha. Trabalhava nele com orgulho e satisfação.

— Sabe, Elisinha, acho que nunca fiz um tapete tão bonito como este!

A menina não respondeu; debruçada à janela, tinha a atenção voltada para uma nuvem de poeira que se erguia na estrada, muito ao longe.

— Alguem vem vindo numa carreira louca, observou ela.

A mãe saiu a ver:

— Que loucura! O cavalo parece voar.

— Gente! gritou Elisa. E' o snr. Manoel... e vem com a família — até o nenê e a vovó!! — Será... será que aconteceu alguma coisa?

— Tomara que não seja nada! suspirou d. Isaura, deixando o trabalho e correndo à porta a ver o que estava acontecendo à família do snr. Manoel, seus vizinhos mais próximos.

O snr. Manoel vinha desabaladamente, estrada a fora, chicoteando os cavalos; as rodas do carroção estalavam. No assento da frente, junto ao snr. Manoel, estavam sua esposa e sua mãe, a única que parecia calma, embora já fosse idosa, de cabelos brancos e rosto todo enrugado. A mulher do snr. Manoel apertava fortemente o filhinho ao braço, apavorada, enquanto seu cabelo esvoaçava livremente à mercê do vento. Atrás, no carroção, por entre trouxas de roupa e provisão, escondiam-se seis crianças, cada qual mais amedrontada que a outra.

— Céus! O snr. Manoel vai jogar aquelas crianças para fora, já, já, observou d. Isaura, correndo a encontrá-los.

Elisa correu atrás.

O snr. Manoel puxou a rédea dos animais, apenas para lhe dar a triste nova:

— Índios! Armados! Todos estão fugindo e a senhora não tem tempo a perder!

A esposa do snr. Manoel, chorando, acrescentou:

— Vamos todos ser mortos!

Foi o suficiente para as seis pobres crianças recomeçarem o pranto.

A avó deu um àparte:

— Arre! Nem tanto! Pois ainda nem siquer vimos um índio!

Embora o sol estivesse quente, Elisa sentiu um arrepio — de medo.

Aproximou-se mais da mãe, agarrando-lhe o avental com ambas as mãozinhas.

D. Isaura, a-pesar-de um tanto pálida, falou com firmeza e serenidade.

— Fico-lhe profundamente grata por haver parado para me avisar, entretanto, acho mais acertado eu não sair, pois aquí está tudo o que possuimos.

O snr. Manoel olhou para ela com respeito mas insistindo:

— A senhora deve fugir; corre grande perigo aquí. Onde está seu marido? Preciso convencê-lo.

— Meu marido saiu com o Cláudio à procura de uma vaca que sumiu esta noite, e nem sei quando voltarão.

— Provavelmente foram eles, os *Caiuás*, que lhe roubaram a vaca. Mas, seja como for, a senhora não pode perder tempo. Suba ao carroção, com a menina, e vamos juntos à cidade; fica a 10 léguas daquí. Ao seu marido pode deixar um bilhetinho, explicando, e ele não terá cuidado.

— Não, snr. Manoel, fico-lhe muito e muito agradecida, mas acho melhor ficarmos. Os índios desta redondeza não nos farão mal. Elisa brinca sempre com Jací, a indiazinha de sua idade. Cláudio costuma pescar e caçar em companhia de Guarací. Estes índios são amigos.

— Minha senhora, gritou o snr. Manoel, perdendo a paciência. A senhora não sabe o que diz. Na semana passada alguns brancos desordeiros atiraram no acampamento dos índios, ferindo um homem. E agora, temos barulho. Os índios reuniram-se em dansa e não cessou o tam-tam do tambor. A noite passada atacaram e queimaram a casa dos Oliveira, lá no morro. Felizmente o pessoal conseguiu fugir e esconder-se no mato.

— Oh! Então corremos perigo mesmo! exclamou d. Isaura, empalidecendo.

— Ah! Se a senhora não quer que seu cabelo vá servir de ornamento a algum índio, é melhor fugir, aconselhou novamente o snr. Manoel, um tanto zombeteiro.

Sua mulher, impacientando-se com a demora, gritou:

— Como é, vai ou não vai?

— E' verdade, não quero detê-los por mais tempo. Eu fico à espera de meu marido, mas mando Elisa em sua companhia, até a cidade; lá mora meu irmão que olhará por ela. Adeus, minha filha. Seja bem boazinha. Deus lhe pague, snr. Manoel.

Elisa ia protestar, mas antes de compreender o que se passava, a mãe deu-lhe um beijo e a pôs no carroção com as demais crianças.

D. Isaura deu-lhes adeus, o chicote estalou e os cavalos largaram em busca da civilização e da segurança.

Com os olhos a escorrer lágrimas foi que Elsinha viu a mãe entrar em casa. D. Isaura parecia estar sem solução, entretanto o seu espírito não se abatera.

Reinava silêncio. Montanhas erguiam-se frias e tristes, como que a fechar sua habitação. E Elisa chorava completamente só. De repente, tomou uma resolução:

Os adultos em cuja companhia estava, não tiravam os olhos da es-

trada, para frente. Elisa Foi-se afastando para o fundo do carroção onde as seis crianças a olhavam espantadas. Com muito jeito passou para o lado de fora e, em dado momento, deixou-se cair na estrada. Pronto! E agora — perna, para que te quero? — Felizmente não se machucara e, erguendo-se, deitou a correr e — de volta para casa.

Ao vê-la fazer isso, as crianças gritaram mas com o barulho do carroção, só mais adiante é que o pai compreendeu o que se passava. Parou imediatamente o veículo e gritou por ela. Vendo-a, entretanto, dar sinal com a mão de que não voltaria, ele continuou.

Elisa deu um suspiro de alívio.

"Ele há-de pensar que somos mesmo cabeçudas" monologou Elisa, disparando o mais possivel.

No alpendre estava sua mãe, de pé. Elisa chegou meio desconsertada, pois era a primeira vez que lhe desobedecia. Todavia d. Isaura tomou-a confortavelmente nos braços.

— Sabe, mãezinha, eu não podia ficar sem a senhora, disse-lhe a menina ao ouvido.

Nesse momento, entra Cláudio, vindo pelos fundos.

— Cláudio, meu filho! exclamou d. Isaura. Onde está seu pai?

— Eu não sei, respondeu o menino. Fomos juntos até a ponte, à procura da vaca. Dalí eu tomei uma direção e ele outra, de modo que não o vi. Como não encontrei o animal até agora, resolvi voltar.

— Precisamos encontrar o papai, Cláudio. Os Caiuás estão revoltados, assim nos contou o snr. Manoel que por aquí passou com toda a família com destino à cidade. Bem que ele nos queria levar tambem.

— Ah! Então é por isso que ele comia a estrada daquele jeito! Mamãe...

Cláudio ficou deveras alarmado.

— Sim, filho, é esse o motivo.

— Então já não dá tempo de procurar o papai, porque quando eu vinha vindo, vi 3 índios no capoeirão. Índios desconhecidos. E que caras! Tinham o rosto pintado.

D. Isaura ficou petrificada. Mal pôde perguntar:

— Você viu bem? Onde estavam?

— No Capoeirão do Mirim. Posso pegar a espingarda? A senhora deixa?

Quasi sem voz, pálida como cera, a mãe sacudiu a cabeça, desaprovando.

— Não, filho.

De repente, Elisa fez um movimento, tremendo dos pés à cabeça:

— Mãe, cochichou ela, alguma coisa está mexendo alí fora, atrás daquele salgueiro!

(Continua).

O CARPINTEIRO

CAPÍTULO VII

Como a mamãe andou com o Carpinteiro.

"Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça." (Mat. 6:33).

Papai esteve negociando com um homem muito rico da cidade a quem vendeu o seu trigo. Voltou à fazenda tão encantado com a riqueza do homem que logo falou com a esposa sobre a beleza de sua casa, os muitos empregados, o luxo em que vivia. Falou tambem que tivera ocasião de conhecer sua filha Mírian.

Ester e Raquel ouviam a conversa com atenção e até mesmo com inveja. Depois, a sós, entraram em considerações:

— Eu queria ser rica, disse Raquel, como Mirian.

— E' mesmo, e ter jóias — pérolas, carbúnculos, safiras e esmeraldas.

— E perfumes, acrescentou Raquel.

— E linho fino, lembrou ainda Raquel.

Ester pensou mais um pouco e continuou, lançando um olhar desconsolado à sua roupa simples:

— E roupa purpúrea e vestidos escarlates.

— E comida boa, continuou Raquel.

— E camelos para montar, disse a prima. E empregados para fazer todo o serviço!

— Que pena que eu sou filha de fazendeiro! lamentou Raquel.

— Quem me dera ser Míriam! suspirou Ester.

As duas meninas passaram o dia pensando em Míriam e os trabalhos domésticos nos quais antes achavam prazer tornaram-se-lhes um fardo. A mãe percebeu logo o motivo de sua melancolia e fez-lhes o seguinte convite:

— Vocês não gostariam de ir comigo visitar o filhinho do pastor? O dia não está quente e com facilidade subiremos a colina. Joãozinho está dormindo e Marcos olhará por ele se acordar.

— Rubens está doente outra vez? perguntou Raquel.

— Está sim, coitado, replicou a mãe. Ele fica muito só. Às vezes o pai precisa deixá-lo horas e horas e frequentemente uma parte da noite tambem.

— Não seria bom levarmos a ele alguns ovos? indagou Ester. Posso ir buscá-los?

— Boa idéia, concordou a mãe. E levar-lhe-emos tambem algumas uvas. Você quer ir apanhá-las, Raquel?

Dalí a pouco a pequena comitiva se pôs a caminho e em pouco chegava à choupana do pastor. Rubens estava sozinho, deitado e imovel. Sorriu ao ver as visitas.

— Alegro-me por terem vindo, disse ele. Quasi que chego a achar bom estar doente, quando alguem vem visitar-me.

— Já veio alguma visita aquí hoje? perguntou Raquel.

— Já, respondeu o menino com voz trêmula e olhos esbugalhados. O Carpinteiro esteve aquí.

— Oh! Se tivéssemos vindo antes, disse Ester, muito sentida, tê-lo-íamos visto. Ele é nosso Amigo.

— E meu amigo tambem, insistiu o menino. Não tenho nenhum irmão mas Jesús é como um irmão grande, apenas muito mais carinhoso do que qualquer outro irmão.

Havia grande contentamento em suas palavras. Raquel percebeu e pôs-se a pensar: "O filho do pastor era muito, muito mais pobre do que eles na fazenda. Ele não tinha uma casa confortavel como a sua. Ele não tinha mãe, nem irmãos, nem irmãs e seu pai pouco tempo lhe podia dedi-

car. Mas Rubens, embora doente, não se lastimava. Seria por ter amizade com Jesús?" Os pensamentos de Ester eram mais ou menos idênticos, chegando, porem, à conclusão de que se Rubens não possuia tanto quanto eles, por outro lado Míriam tinha muitíssimo mais.

As duas primas deixaram de falar em Míriam e desceram a colina silenciosas. Ao pé do morro, viram o que era frequente naqueles dias — um grupo pequeno de caminhantes que tiveram oportunidade de se encontrar com o Carpinteiro e com ele palestravam.

— Vamos escutar, pediram as meninas. Podemos?

— Sim, respondeu a mãe. Ouçamos o que ele diz. Ele já nos viu.

E' que Jesús, erguendo os olhos, sorriu para elas. Como ele percebia tudo tão depressa! Mas na mesma hora continuou a proferir palavras tão repassadas de carinho que Raquel se lembrou logo de Rubens em seu profundo contentamento. Era apenas o fim de sua palestra naquele dia.

— Não estejais ansiosos pelo que haveis de comer, ou beber, ou vestir, dizia ele. Vosso Pai celestial alimenta os passarinhos. E não valeis vós muito mais do que eles?

Com estas palavras o grupo se dispersou vagarosamente. Acabavam de ouvir outro ensinamento exquisito e que no momento não podiam compreender. Então Jesús se dirigiu às meninas e à mãe.

— Estamos vindo da cabana do pastor, explicou a mãe. Encontramos o pequeno Rubens realmente feliz porque o senhor o havia visitado.

— O Rubens é um rapazinho paciente, disse Jesús. A-pesar-de tudo ele é muito feliz.

Os quatro continuaram a andar, as meninas de mãos dadas com seu Amigo. Não estava longe a estrada que cortava para a fazenda. O Carpinteiro quasi não conversou, mas antes de se separar, já em seus corações não havia nenhum sentimento de inveja e a sombra que desde manhã lhes encobria o brilho do olhar havia por completo desaparecido. Seja como for, sentimentos como aqueles não podiam continuar quando ele se aproximava, mesmo que lhe não fossem expressos em palavras. Bastava a sua presença.

Instantes depois, separavam-se e ele tomou seu caminho para Nazaré, indo pela estrada longa e poeirenta.

As primas nada disseram; à noite, porem, ao se deitarem, abriram mutuamente o coração.

— Nós nos temos, uma à outra, observou Raquel agradecidamente, e nós temos Jesús.

— E' verdade, concordou Ester, e eu tenho papai e mamãe no céu esperando por mim. E nós duas temos Jesús como nosso Amigo. Oh! nós *não* somos pobres.

Pouco mais tarde, estando a mãe a contemplar as meninas que dormiam tranquilamente, seus lábios repetiam a prece do salmista: "Ensina-lhes o teu caminho, ó Senhor, e conduze-as pelo caminho reto." Depois acrescentou: "Dá-lhes nem pobreza nem riqueza. Mas concede-lhes olhos para ver que não há maior riqueza que o amor."

E' que ela tambem andara com o Carpinteiro.

SECÇÃO DOS

O PORQUINHO

Por muitos dias andou ele calado, silencioso e pensativo. Não é que alguma coisa o aborrecesse. Não, nada disso. Ele andava é muito preocupado com uma idéia — como ganhar bastantes presentes pelo Natal.

Era preciso descobrir um jeito. E pensou, pensou, pensou até sentir dor de cabeça. Parou um pouco de pensar e recomeçou depois de um ligeiro descanso. Afinal teve uma idéia maravilhosa, embora não muito correta. Que idéia seria essa? Muito simples:

"Vou escrever um bilhetinho ao Papai Noel. Ele é muito bondoso e sem dúvida serei atendido. Já resolvi", disse consigo mesmo.

Arranjou sem perda de tempo um lapis e escreveu este recado:

"Meu querido S. Nicolau, eu sou gêmeo." Releu o papel e satisfeito pregou-o com alfinetes na meia que já estava dependurada à espera de S. Nicolau que não devia tardar.

"Urra! Viva!" gritava ele tonto de alegria. "Se Papai Noel acreditar, oh! ganharei *Dois* de cada brinquedo. Que felizardo! Que moleque inteligente que eu sou!" E na ponta dos pés correu para a cama e enfiou-se dentro das cobertas e ficou de espreita, muito contente, como se tivesse feito uma ação muito bonita.

No dia seguinte — era o lindo Natal — ele pulou da cama e pressuroso correu à cozinha a ver o que lhe havia deixado o Papai Noel. "Teria atendido ao seu bilhetinho?" Ao se aproximar, porem, do fogão onde dependurara a meia, parou um tanto confuso, empalidecen-

NOSSO NATAL

Que história havemos de contar aos nossos filhos senão a velha e sempre nova história da Criança numa mangedoura, da estrela, dos magos, do canto dos anjos e dos pastores? E não ficam elas, e não ficamos nós embebidos na maravilha deste acontecimento tão simples quão grandioso? Entretanto é sempre oportuna a lição de que "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todos os que nele creem não pereçam mas tenham a vida eterna." E o Natal é a comemoração do nascimento de filho tão dileto. E como é que comemoramos o aniversário de nossos filhos, senão procurando alegrá-los, satifazendo-lhes as justas vontades? Que diríamos de uma festa de aniversário em que todos recebessem presentes menos o aniversariante? Se tudo se promovesse, deixando-o de lado? Certo o lamentaríamos bastante.

Pois é o que devemos fazer nossas crianças compreender, enquanto os grandes o teem relembrado, de que no dia de Natal procuramos presentear, de modo mais assinalado, o nosso amigo e salvador Jesús. Como? "E tudo o que fizerdes a um destes mais pequeninos, a mim o fazeis." Está, pois, aí a explicação. E' fazer. Fazer aos outros e teremos feito ao próprio Jesús. Deve ser então a nossa maior preocupação pelo Natal, descobrir o melhor modo de alegrar a alguem e — que mistério! — nisso encontraremos a nossa própria felicidade.

E' de grande, mui grande importância nós, os pais, cuidarmos da idéia que as crianças, por nosso exemplo, vão tendo do Natal.

Uma jovem, a quem perguntaram que idéia tinha do Natal, quando criança, respondeu: — Para mim, o Natal significava uma árvore carregadinha de brinquedos.

Outra, a quem foi dirigida a mesma pergunta, respondeu: — Quando me lembro do Natal do meu tempo de criança, vejo sempre o meu saudoso pai, à mesa, rodeado dos filhos, distribuindo em envelopes que eu sobrescritava, um presentinho (10$, não mais) ao leiteiro, ao lixeiro, ao carteiro, ao menino-entregador, ao mesmo tempo que incumbia cada um de nós de entregar um dos envelopes na véspera do Natal. Era tão grande o nosso prazer em tomar parte nesse programa que até hoje me lembro e pretendo pôr em prática quando tiver meus filhos.

Bonito e louvavel sistema! Ensinar os filhos a cooperar no exercício do bem.

De uma senhora, veio a seguinte resposta, ao se lhe fazer a mesma pergunta:

— Natal? E' a época em que mais me canso, preparando doces, frios e salgados para a grande comemoração. Afinal, no dia estou tão cansada que não posso com alegria participar da festa.

Mais uma opinião obtivemos sobre o Natal, esta de um senhor:

— Não passo bem, não sinto alegria por ocasião do Natal, só pensando nas contas altas que receberei no fim do mês.

Que diversidade! Como vai longe o espírito do Natal!

Comer bem, não é comemorar o Natal dignamente, embora quando estamos alegres procuremos passar um pouco melhor. E' preciso ir alem e pensarmos em qual o motivo dessa alegria geral; e, como gratidão a

Deus, mostrarmos tambem um pouco mais de amor ao nosso próximo — aos nossos próprios parentes que moram conosco na mesma casa, aos nossos vizinhos, àqueles com quem convivemos.

"Mas", dirá alguem, "não tenho dinheiro para comprar presentes nem aos meus, como dar ainda aos de fora?" Pensemos. Presente — penso eu — pode ser tambem uma flor apenas, um cartão ou (e às vezes é mais dificil) um 'bom dia' alegre, um sorriso, uma palavra sobre o amigo aniversariante — *Jesús*, um hino em conjunto, cantado em seu louvor. Isso não seria impossivel a ninguem.

O amor manifesta-se de maneiras múltiplas; basta haver boa-vontade. E então, quando tivermos feito o melhor que podíamos, sentiremos paz de espírito, que vale por uma fortuna.

Vamos nós, pais, ajudados pelo Espírito Santo, não perder de vista aquela Estrela que nos reflete o amor de Deus e nos alumia o caminho. Pensemos; oremos; e planejemos uma comemoração do Natal inteiramente cristã, no verdadeiro espírito de amor e Cristo receberá gostosamente o nosso presente e nossos filhos nos bendirão no que lhes ensinamos.

"Hosanas a Deus nas maiores alturas e paz na terra e boa-vontade aos homens, a quem ele quer bem."

VIVER PARA SERVIR

"Viver só para si é mau procedimento.
E' necessário que se viva para alguem.
"Devo ser util hoje", é o nobre pensamento
Que ao despertar cada um consigo ter convem.

E quando a noite ensombra a terra e o firmamento,
Feliz de quem consigo a sós pode dizer:
"O dia que passou foi dia edificante
Porque graças a mim, pude ver num semblante
O alívio de um pesar, num riso de prazer.

Brant Horta.

Deus, mostrarmos tambem um pouco mais de amor ao nosso próximo — aos nossos próprios parentes que moram conosco na mesma casa, aos nossos vizinhos, àqueles com quem convivemos.

"Mas", dirá alguem, "não tenho dinheiro para comprar presentes nem aos meus, como dar ainda aos de fora?" Pensemos. Presente — penso eu — pode ser tambem uma flor apenas, um cartão ou (e às vezes é mais dificil) um 'bom dia' alegre, um sorriso, uma palavra sobre o amigo aniversariante — *Jesús*, um hino em conjunto, cantado em seu louvor. Isso não seria impossivel a ninguem.

O amor manifesta-se de maneiras múltiplas; basta haver boa-vontade. E então, quando tivermos feito o melhor que podíamos, sentiremos paz de espírito, que vale por uma fortuna.

Vamos nós, pais, ajudados pelo Espírito Santo, não perder de vista aquela Estrela que nos reflete o amor de Deus e nos alumia o caminho. Pensemos; oremos; e planejemos uma comemoração do Natal inteiramente cristã, no verdadeiro espírito de amor e Cristo receberá gostosamente o nosso presente e nossos filhos nos bendirão no que lhes ensinamos.

"Hosanas a Deus nas maiores alturas e paz na terra e boa-vontade aos homens, a quem ele quer bem."

VIVER PARA SERVIR

"Viver só para si é mau procedimento.
E' necessário que se viva para alguem.
"Devo ser util hoje", é o nobre pensamento
Que ao despertar cada um consigo ter convem.

E quando a noite ensombra a terra e o firmamento,
Feliz de quem consigo a sós pode dizer:
"O dia que passou foi dia edificante
Porque graças a mim, pude ver num semblante
O alívio de um pesar, num riso de prazer.

Brant Horta.

A Boneca - A Dádiva Branca

I Ato

Sala do departamento primráio da E. D. ; na mesa em frente, muitos pacotes brancos, bem feitos, atados com fita vermelha ; um dos pacotes, bem à vista, deve estar com o papel rasgado, deixando aparecer dois pèzinhos de boneca ; próxima da mesa está a pequena Else, de oito anos, pobremente vestida. E' uma pequena boa, atenciosa e aplicada. Mas, durante esta aula ela deve estar atenta para os pèzinhos da boneca e alheia a tudo mais.

Professora — (moça) — (*Enquanto arruma os pacotes sobre a mesa, fala*) : — Muito bem ! Neste ano festejamos o Natal num domingo ! Natal ! Quanta beleza nesta simples palavra — Natal ! Que quer dizer Natal ? (Presta sempre atenção à pequena Else).

Uma criança — Natal quer dizer — Aniversário de Jesús.

Outra criança — Nátal é o dia do Papai Noel chegar para distribuir presentes e brinquedos !

Outra criança — Natal é um dia de festa para todos ! Em todas as casas há um um almoço melhor do que nos outros dias ! E' um dia em que nós ganhamos presentes do papai e da mamãe !

Professora — Sim ; tudo o que vocês disseram, junto, é o Natal. Aniversário de Jesús ! Dia de festa e presentes ! Dia de fazer-se alguma coisa pelo nosso semelhante ! Dia de enxugar-se a lágrima aos pobrezinhos ! Vocês sabem que, mesmo sendo hoje dia de Natal e, sobretudo, um domingo de Natal, há por aí muita gente com olhos vermelhos de chorar ! Muita criança sem papai e sem mamãe para fazer-lhe presente ao menos de um beijo ! Aquí sobre a mesa temos tantos pacotes, trazidos por vocês mesmos ; são presentes denominados. . .

Tôdas as crianças — . . . Dádivas brancas ao Menino Jesús !

Professora — (Lentamente) Dádivas brancas ao Menino Jesús. . . isto é, ofertas ao Menino Jesús. Vocês compreendem bem o que estão fazendo em trazer estes presentes ? Vamos mandá-los para as crianças do orfanato, crianças órfãs, que não têm um lar, não têm mamãe para fazer-lhes uma surpresa de Natal ! Mas, se vamos mandar estes presentes ao orfanato, por que razão demos o nome de Dádivas ao Menino Jesús ? Else, você pode explicar-me isso ?

Else — (*Olhando para o pacote rasgado, não ouve a professora*).

Professora — Else, você que é tão estudiosa, poderá explicar-nos o porquê ?

Else — (*voltando-se repentinamente, assustada*). Eu. . . estava olhando. . . (*embasbaca*) eu não sei o que a senhora falou. . .

Professora — Percebo que está distraída ; alguma coisa prende-lhe a atenção vejamos então você (*indica uma criança prèviamente ensaiada*).

A CRIANÇA — Chamamos Dádivas brancas ao Menino Jesús, porque, sendo hoje o seu aniversário, devemos oferecer-lhe presentes : como Ele não está aquí vivendo como nós, fazemos os presentes aos pobrezinhos, como se o estivéssemos fazendo a Ele que, por sua vez os recebe e agradece na pessoa dos pobrezinhos. Alegrando às criancinhas do orfanato, estamos alegrando a Jesús também.

PROFESSORA — Isso mesmo. Todos compreendem, então, que estamos presenteando a Jesús neste dia de Natal. (*Ouve-se a campainha*). A campainha soou ; vão para casa com o coração alegre por estarem concorrendo para o Natal dos orfãos ; voltem à noite para a nossa festinha. Cantemos juntos para despedir-nos o hino . . . . . (*Cantam e saem em silêncio. Else é a última, sempre com os olhos no pacote*).

PROFESSORA — (*Enquanto as crianças saem*). Else, você quer ajudar-me a levar os pacotes para a mesa do salão ? fica mais fácil para o superintendente encaminhá-los à tarde para o orfanato.

ELSE — (*não podendo esconder sua alegria*). Oh ! sim ! quero ajudá-la. (*A professora enche os bracinhos de Else com pacotes ; Else, olhando para o da boneca, diz) :* Gostaria de levar aquele pacote também ; creio que não será demais.

— (CORTINAS) —

II ATO

A mesma sala, arrumada de um modo diferente para parecer o salão. Quando abrir a cortina, Else vem entrando).

ELSE — (*Falando como que para si própria*). Que alegria ! Ao menos carreguei o pacote da boneca ! Como deve ser linda ! De que côr serão os cabelos ? Ela seria linda se tivesse cabelos loiros e olhos azues ! (*Ouvem-se os passos da professora que se aproxima ; Else pára ao lado da mesa, e espera calada*).

PROFESSORA — (*Entrando tambem com os pacotes*). Bem, Else, vou ajudá-la a colocar os pacotes sobre a mesa. (*Põe os seus sobre a mesa e vai pegandos de Else. Ao tocar no embrulho da boneca, Else fala*) :

ELSE — Cuidado com esse embrulho ; não deixe nenhum pacote por cima, para não maguá-la ! Coitadinha ! Ficar aí no meio de todos esses pacotes ! Ela que precisa tanto de u'a mãe ! Quem terá a sorte de recebê-la no orfanato ? Que pena não ser eu de lá!

PROFESSORA — (*sorrindo*). Else, vou deixar você arrumar os pacotes sobre a mesa bem direitinho ; quando você sair, feche a porta, sim ? Até logo e muito obrigada. (*Sai*).

ELSE — (*Arruma os pacotes sem nem dar atenção às palavras da professora ; arruma a todos, mas deixa o da boneca de lado. Depois, levanta o pacote nos braços, procurando desvendar o conteúdo por cima do papel, virando o embrulho de todos os lados) :* — Deve ser linda esta boneca ! Os pèzinhos já são tão bonitinhos. . . pequeninos. . . de sapatinho branco (*alisa os pèzinhos com carinho*). Eu preciso ver ao menos os cabelos da boneca ! Tomara que sejam loiros como os de Elena ! Os olhos tambem, devem ser azues ! Se ela fosse minha, gostaria que fosse assim, porque eu tenho cabelos e olhos escuros ; logo, minha filhinha devia ser loira. . . Mas. . . não é minha. . . nem adianta ver. . . Ora, rasgando um pouco mais o papel, que mal há nisso ? Vejo a boneca e nada mais. Rasgo o papel ? E depois para fazer novo embrulho ? Será que eu sei arrumar bem direitinho ? Ora. . . já sei : em vez de rasgar o papel, eu desamarro a fita, desembrulho e depois faço o pacote de novo ; assim darei um jeito de não ficar mais com os pèzinhos de fora. Isso mesmo que eu vou fazer. (*Desata a fita ; tira o papel com precipitação ; ansiedade.* Oh ! (*pausa e admiração*) Que gracinha ! (*olha-a com doçura*). Que beleza ! (*Alisa os cabelos*). Ela dor-

me ! (*depois de mirá-la bastante, abraça-a com força*). Parece tão meiga ! (*Olhando-a no rosto*) : Você que morar comigo ? Quer ser minha filhinha ? Em casa eu tenho a Miranda (*senta-se numa cadeira, com a boneca ao colo e conversa*) mas, coitadinha ! já está toda estragada ! Pés. . . não tem mais ; dos olhos. . . só restam dois buracos. . . dos cabelos. . . restam uns fios aquí e alí ; não dá mais gosto trazê-la bem vestida ! Você, loirinha, é um encanto, uma tetéia, um bijuzinho ! Vamos comigo, sim ? (*levantando-se e olhando para a mesa onde está uma tira de papel grande gravado : Dádivas brancas ao Menino Jesús; embasbacada, pára de falar com a boneca*). Dádivas brancas ao Menino Jesús — (*apertando a boneca contra o peito*). Presentes às criancinhas do orfanato. . . (*olhando para a boneca entre triste e pensativa*). Como poderei levá-la ? Você vai pertencer a uma menina do orfanato. . . (*quasi chorando*) não poderei ser a sua mãezinha (*chorando*). Como eu gostaria de morar tambem no orfanato ! (*Abraçando a boneca*). Adeusinho, loirinha do coração ; vou embrulhá-la com o papel, e deixá-la de novo entre os pacotes ! (*Enquanto embrulha está triste e chorosa*). Você não pode ir comigo ; vai para o orfanato, para alguma menina que se sentiria muito feliz em possuí-la como filha. (*Pronto o pacote, deixa-o sobre a mesa e sai olhando sempre para trás ; antes de chegar à porta, pára, olha para a mesa e, abanando a cabeça*) : Não, você não pode ficar sozinha no meio desses pacotes que nada entendem ; você terá medo, eu sei ! (*Dando um passo em direção à mesa*). Vou buscá-la sim ; (*pára*). Não ; você não pode ficar aquí. (*Voltando resoluta para a mesa*). Ora, que bobagem. Ninguém está aquí ; ninguém saberá quem levou a boneca e, talvez, nem dêm pela falta de um pacote no meio de tantos ! (*Toma o pacote e esconde-o sob o casaco*). Assim, ninguém a verá ; vai bem escondida ! (*Saindo às pressas, olhando com medo para trás e para todos os lados ; atitude de culpa*). Vamos, de-pressa, de-pressa ! (*Ao colocar a mão na maçaneta para abrir a porta, volta-se para o público*) (Mas. . . que coisa exquisita sinto dentro de mim ! Não estou contente. . . Trago o tesouro dos meus sonhos comigo e, a-pesar-disso não sou feliz ! (*Levando a mão ao coração, sempre pensativa*). Alguma coisa pesa-me no coração ! Não devo levar esta boneca ; ela não me pertence ! (*Volta e coloca a boneca entre os pacotes ; coloca-a, porem, bem debaixo de outros*). Eu não posso levá-la para casa ; ela não gostaria de pertencer a uma menina que a houvesse furtado ; minha professora disse que, tirando qualquer coisa que não nos pertence, estamos furtando. Não; não posso, de maneira alguma, levá-la para casa. (*Chorando*) Ah ! como eu desejaria morar no orfanato ! Talvez tivesse a felicidade de ganhar a boneca ! Oh ! que tristeza ! (*Sai chorando*).

(Cortinas)

III Ato

Uma sala humilde, bem pobrezinha ; uma mesa, duas cadeiras, uma cadeirinha, etc. Ao abrir a cortina, Else está na cadeirinha, acalentando Miranda, uma boneca tôda em frangalhos ; pode ser de pano ; canta muito triste, com carinha de chôro :

Dorme, dorme filhinha,
Dorme anjinho inocente ;
Dorme queridinha
Que a mamãe está contente.

Tutú Marambá, não venha mais cá.
Que o pai do menino. . .

(*Interrompe o canto uma pancada na porta ou palmas*)

Else — (*Levantando-se*) Quem será ? (*abre a porta*). Oh ! A senhora ?!

PROFESSORA — (*entrando*) Sim, Else ; você saíu da igreja tão às pressas, que nãome ·deu tempo de alcançá-la. (*Sentam-se as duas*). Você foi uma boa menina, uma boa aluna da escola dominical durante o ano ; como prêmio, trago-lhe este pequeno presente de Natal. (*Entrega à menina um embrulho igual a um daqueles pacotes que iam para o orfanato*).

ELSE — (*Tomando o pacote, com olhos arregalados*). Muito obrigada ! Um pacote igual aos das "Dádivas Brancas ao Menino Jesús"! (*abrindo o pacote sofregamente*). Oh ! dona Alice ! Que encanto ! Uma boneca tambem de cabelos louros e olhos azues ! (*Olha uns instantes, da boneca para a professora e desta para aquela ; senta-se na cadeirinha e chora*).

PROFESSORA — (*Chegando-se à menina e acariciando-lhe os cabelos com meiguice*). Então, Else, você chora ? Não gostou da boneca ? Eu estava vestindo uma para mandar para o orfanato e resolví vestir outra igualzinha para você, como prêmio pelo sem bom comportamento e aplicação durante o ano, na escola dominical. Quando a vi olhar com tanto carinho para o embrulho da boneca, na igreja, fiquei contente ao pensar que tinha uma igualzinha para você tambem ; estava ansiosa por fazer-lhe esta surpresa !

ELSE — (*Enxugando as lágrimas*). Ela é linda ! (*Abraçando a professora*) Muito obrigada, muito obrigada ! (*Abaixando a cabeça, sussurrando*) Eu quasi cometí um furto ; eu quasi corrí com a outra boneca, tanto gostava dela !

PROFESSORA — Eu vi tudo pela vidraça ; vi você colocar a boneca sôbre a mesa e sair correndo. O mal não está em ser tentada a tirar alguma cousa, mas, sim em dar lugar a tentação, praticando o furto.

ELSE — Serei querida por minha nova boneca ?

PROFESSORA — Sim ; ela vai querer-lhe muito bem, e dir-lhe-á todos os dias ; "Eu vim morar aquí, porque você deixou que minha irmãzinha fôsse alegrar outra menina lá no orfanato". Você é uma boa mãe. Agora você pode cantar, com bastante alegria, para as suas duas filhinhas o que você cantava quando eu cheguei.

ELSE — (*Tomando a Miranda num braço e a loirinha no outro, senta-se e, enquanto a cortina fecha lentamente, canta :*)

Tutú Marambá, não venha mais cá,
Que o pai da menina, te manda pegá . . .

(CORTINAS)

N. B. — Este último quadro deve ser bastante expressivo. A professora deve contemplar, com doçura, a pequena embalando as bonecas.

Adaptação de Agar A. Caruso.

O Sapinho Turrão

Turrão como ele não havia outro. Sabia mais do que todos. As tartarugas e rãs que moravam no mesmo brejo gozavam à custa dele mas sua mãe, essa não; tinha antes muita pena dele!

— Filhinho, disse-lhe ela um dia, você não tem ainda bastante juizo e pensa ser mais sábio do que realmente é. Cuidado, filho meu, porque algum dia nossa Mãe Natureza lhe dará uma boa lição. Você ainda é inexperiente.

— Ah! Ah! zombou ele, Quem é a Mãe Natureza? Alguma bruxa?

— Não, é uma mulher muito sábia e muito velha, tão velha como o Mundo; os que lhe desobedecem são sempre punidos.

O sapinho riu apenas e não deu a mínima importância.

Um dia d. Sapa reuniu os sapinhos todos sobre o tronco de uma árvore caida à beira do brejo.

— Saparia, principiou ela, o frio já começou e teremos logo um inverno rigoroso, provavelmente com muita geada. Estejam atentos à mudança de temperatura. Quando eu lhes der sinal, todos devem mergulhar até o fundo do brejo e enterrar-se na lama onde ficaremos a dormir profundamente até passar todo o inverno. Só então poderemos aventurar a viver de novo à beira do brejo, cantando e aquecendo ao sol.

— Ah! Ah! Eu é que não serei bobo de me afundar na lama escura e feia, sendo que o mundo aquí fora é tão bonito! Eu não! Não tenho nem um pingo de sono! Ah! Ah!

Isso dizendo, o turrão pulou nágua e deu uns mergulhos alí por perto.

D. Tartaruga, que ouvira os sábios conselhos de d. Sapa, lançou um olhar de censura ao sapinho desobediente e acrescentou:

— Você vai ainda se arrepender, *seu* teimoso!

— Ouça o que eu digo, filho, não seja bobinho. Observe aquelas árvores; está vendo que o frio já queimou suas folhas todas? O mesmo vai acontecer a você se não quiser enterrar-se na lama do fundo do brejo. A geada é uma empregada da Mãe Natureza e passa queimando tudo o que encontra.

O sapinho sacudiu os ombros e respondeu:

— Ah! A senhora está sempre falando, falando, falando. Agora eu vou pensar com a *minha* cabeça.

No dia seguinte o frio aumentou. O céu estava limpo e azul. Depois começou o vento que, passando pelos galhos das árvores, arrancou-lhe as derradeiras folhas.

— Estão vendo? observou d. Sapa à saparia, como as folhas obedecem ao vento? Tambem ele é empregado da Mãe Natureza. Acho que vamos ter muita geada esta noite!

— Eu já estou com sono, mamãe, disse o sapo caçulinha. Será que posso ir deitar-me na cama de lodo? Está fazendo frio!

— E' melhor irmos todos, disse ela.

E, alçando a mão, ordenou:

— Vamos, criançada, para cama. Vamos dormir.

Toda a saparia desapareceu, acomodando-se em suas camas no lodo, menos o turrão. Ainda uma vez d. Sapa o chamou: "Venha, meu filho!"

Mas qual! Julgando-se mais sábio que sua boa mamãe, o sapinho turrão

ficou-se a nadar, repetindo sempre: só bobo é que vai dormir com um dia lindo assim!

O sol principiava a se pôr e o vento sul a soprar, fazendo o sapinho tremer de frio. Ele tentou assobiar como o vento, mas não pôde: estava rouco.

— Acho que peguei um resfriado, disse ele. Bem, amanhã o sol me cura.

Dalí a pouco, ele ouviu uma voz. Era a geada que chegava, dizendo:

— Fujam, fujam todos, tartarugas, sapos e rãs. Para a cama, todos, dormir!

O sapinho desobediente já quasi não sustentava abertos os olhinhos que por força queriam fechar-se. Quís rir mas não saiu nenhum som de sua gargantinha.

E a geada veio encontrá-lo ainda no tronco de árvore, à beira do brejo.

—Então, seu bobinho, ainda aquí? Que está fazendo? Por que não foi obediente à Natureza? Está com frio agora, não é?

Mas o sapinho nada respondeu. Estava duro, duro, quasi morto de frio e já coberto de geada. Nem ouviu o que a geada lhe falou.

Na manhã seguinte tudo amanheceu branco. O sol despontou cedo, pois teria naquele dia muito o que fazer. Seus primeiros raios encontraram o pobre sapinho gelado e duro.

— Coitadinho, deve estar morto de frio, observou o Sol bondoso. Quem sabe ainda consigo aquecê-lo.

Lá no fundo do brejo d. Sapa contou quantos filhinhos estavam na cama e faltava justamente o turrão. Que hei-de fazer? Que hei-de fazer? soluçou aflita.

Esperou até que o Sol esquentasse mais, consolando-se em pensar: "A Mãe Natureza é piedosa e talvez permita que o Sol, seu empregado tambem, tire a geada das costas do coitadinho. Eu mesma vou arriscar a ir lá em cima, à beira do brejo, pois, afinal, ele é meu filhinho.

E sacudindo a lama de si, apareceu fora dágua. Que viu? O sapinho gelado e duro como morto. Sem perda de tempo, arrastou-o para um lugar onde batia mais sol e pôs-se a esfregar-lhe as costas e as pernas, mas nenhum sinal de vida. Quando ia desistir, dando-o por morto, ele mexeu com os dedinhos dos pés.

— Graças, meu filho está vivo! exclamou a mãe.

Ajudando-o depois a mergulhar, levou-o à sua casa e cuidadosamente cobriu-o com a lama quentinha. O sapinho não disse nada, nem uma palavra, talvez por estar com muito sono ou mesmo por não ter o que dizer.

E d. Sapa-mãe, não cabendo em si de alegria, foi-se tambem a dormir, repetindo ainda: "A Mãe Natureza é boa, sim, muito boa; embora severa com seus filhos desobedientes, ela é boa, muito boa.

★

PETISCOS para os Bem-Te-Vistas

PÃO DE NOZES

½ ch. gordura
1 ch. açucar
1½ ch. leite
½ col. sal
¼ ch. nozes picadas
1 ovo
4 ch. farinha
4 col. fermento.

Mistura-se tudo muito bem, e deixa-se crescer por ½ hora (em lugar quente) em fôrma untada.

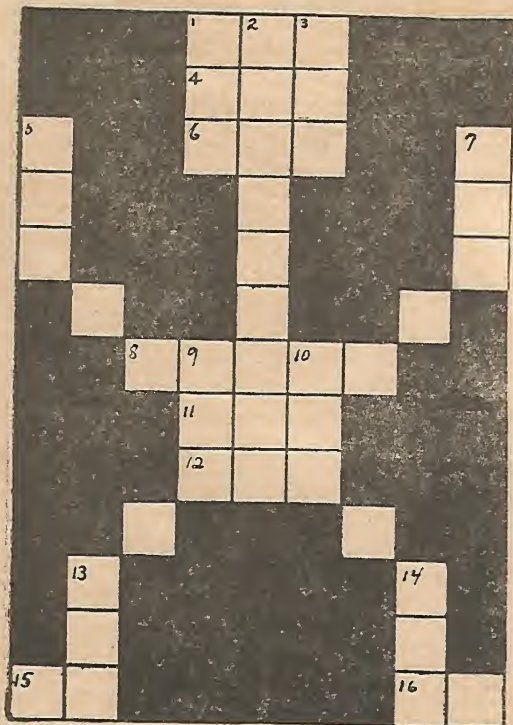
Assa-se então por 40 minutos em forno regular.

BOLO DE FUBÁ

2 ch. fubá
1 ch. trigo
2 ovos (clara e gema)
2 col. fermento (Bhering)
5 col. rasas de açucar
1 copo leite
1 col. banha
1 col. manteiga
herva doce.

Misturam-se os ovos (sem bater) com o açucar, fubá, trigo, banha, manteiga, herva doce e por último o leite misturado com fermento.

Forno regular (40 minutos no máximo).

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:

1. Inicial do pastorzinho que matou o gigante Golias; do apóstolo que andou por cima das águas; e do apóstolo que ficou cego a caminho de Damasco.
4. Conjunção ou interjeição.
6. Canal da Arábia (sem a primeira letra).
8. A grande comemoração de dezembro.
11. Advérbio de negação.
12. E' o que o avião tem em comum com as aves.
15. Nota musical.
16. Advérbio de lugar.

Verticais:

1. Faço o que é melhor que receber.
2. O que Papai Noel traz às crianças.
3. Anunciada pelo anjo quando trouxe aos pastores a notícia do nascimento de Jesús.
5. Medida de tempo.
7. O que devemos ser do mundo, no ensino do Mestre.
9. Profetisa de 84 anos que se alegrou ao ver Jesús com 8 dias, no templo.
10. Quer muito bem.
13. Satélite da Terra.
14. Centro do nosso sistema planetário.

Solução de novembro

1 n	2 i	3 f	4 e
5 e	r	i	e
6 t	i	c	
7 u	s	o	
n			8 l
9 o	10 m	11 e	u
	o	m	a

	3	
1		9
	7	

QUEBRA CABEÇA

Preencham os lugares vagos com números tais que, somados em qualquer direção, deem 15.

QUEM É QUE SABE?

1) Completar : *Buscar-me-ás e me acharás quando* . . .
2) Já renovou sua assinatura do "Bem-te-vi" ?
3) Corrigir : Cheguei em casa as 10 horas.
4) Qual é o autor de "Os Sertões" ?
5) Que quer dizer : *mago, Emanuel, Jesús.*
6) Que cor tinha a bandeira dos inconfidentes e que dizeres trazia ela ?
7) Que meteoro aquoso vem sem roupa ?
8) Qual o músico que aos 5 anos já era compositor ?
9) Por quem foi inaugurado o palácio do Catete ?
10) Onde nasceu Anchieta ?
11) Quantos estômagos tem o gado vacum ?
12) De que são feitas as melhores cordas de violino que produzem os sons mais maviosos do mundo ?
13) Quantos anos duram os chifres dos veados ?
14) Que rio passa a ser a rainha das flores se lhe trocarmos a inicial.
15) A quem devemos o sistema de tocar piano com todos os dedos ?

Respostas às perguntas de novembro.

1) . . . *um Deus que julga na terra.*
2) Espero que V. S. possa dedicar-me um pouco do *seu* precioso tempo.
3) Em Nuremberg, Alemanha.
4) O pé.
5) Os olhos, que têm as pupilas.
6) Nasceu no dia 19 de abril de 1883 em S. Francisco de Borja, no extremo sul do Brasil.
7) Em 1930.
8) A de 1891, a de 1934 e a de 1937.
9) Nosso nome.
10) As palmas.
11) O Marechal era tio do pres. Hermes.
12) Não, porque não têm pálpebras.
13) Tinha esse apelido, em virtude de uma flechada logo em seus primeiros encontros com os índios, do que resultou perder um olho.
14) Aio — raio.
15) Letra de *Olavo Bilac* e música de *Francisco Braga.*

Natal! Natal!

Letra e música de H. Giroud